



O AMBIENTE ESCOLAR E SUA COMPLEXIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Celina Nascimento Leme dos Santos¹
Orientadora: Adriana do Nascimento Araujo Mendes²

RESUMO

O presente trabalho tem como foco mostrar as experiências, reflexões e ações realizadas durante o 1º semestre de 2025 no Subprojeto Interdisciplinar III (Artes Visuais/Plásticas e Música) PIBID Unicamp. Para isso, parte-se de uma descrição e contextualização sobre a escola, entendendo o local em que as vivências ocorreram, e, como resultado, realiza-se uma reflexão sobre o ambiente escolar e os possíveis impactos na saúde física e mental dos profissionais da educação. Como metodologia, o artigo apoia-se em observações e experiências vividas pela bolsista no ambiente escolar. Por fim, é feito uma conclusão sobre as práticas em sala de aula e a importância desse projeto para os graduandos em cursos de licenciatura.

Palavras-chave: Experiências, Ambiente escolar, Artes, Reflexões.

INTRODUÇÃO

Participar do Subprojeto Interdisciplinar III (Artes Visuais/Plásticas e Música) PIBID Unicamp, está sendo uma experiência muito rica de aprendizados e vivências. Quando iniciei o projeto e comecei a frequentar a escola, fiquei numa posição mais de observar. Aos poucos fui entendendo o funcionamento das aulas, os planejamentos do meu supervisor, a organização, regras e horários da escola. No caso, eu acompanho um professor de Artes.

¹ Graduanda do Curso de Música da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, c253765@dac.unicamp.br;

² Professora do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, aamendes@unicamp.br



Considero muito importante esse período de adaptação, para poder melhor entender sobre o funcionamento do ambiente escolar e poder fazer observações e reflexões acerca do ensino, das aulas, das propostas pedagógicas e dos alunos das turmas que acompanho.

Ao longo das semanas, fui entendendo melhor cada uma das turmas e auxiliando o professor durante as atividades, sendo que alguns alunos possuíam mais dificuldades e precisavam de uma atenção maior.

Assim, durante os meses, pude propor atividades, observar as aulas, refletir sobre questões de ensino e educação e compartilhar as visões com os outros participantes, com o supervisor e com os coordenadores, os quais também traziam suas reflexões e questionamentos para as reuniões que eram feitas.

O objetivo do relato é compartilhar todas essas vivências e práticas, ressaltando a importância que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID³) tem para os alunos da graduação, os quais podem ter esse contato com a realidade das escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais. Além disso, também há o objetivo de trazer reflexões sobre o contexto escolar e condições de trabalho dos professores.

METODOLOGIA

Como metodologia, o artigo apoia-se em observações e experiências vividas pela bolsista no ambiente escolar, em uma escola da Rede Municipal de Campinas/SP, acompanhando as turmas do 1º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I.

Ademais, os instrumentos utilizados para o agrupamento de ideias e ponderações discorridas no trabalho baseiam-se em pesquisas bibliográficas acadêmicas suscitadas por discussões em disciplinas cursadas pela bolsista e reuniões do projeto com os coordenadores e demais participantes do grupo PIBID.

³ PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação (MEC), que busca aperfeiçoar a formação de professores, inserindo os licenciandos nas escolas públicas brasileiras. O programa funciona por meio de projetos institucionais apresentados por instituições de ensino superior (IES) que possuem cursos de licenciatura. A CAPES autoriza esses projetos, os quais são desenvolvidos em parceria com escolas públicas, envolvendo a participação de bolsistas de iniciação à docência, supervisores e coordenadores de área.

O presente artigo tem como referencial teórico, estudos, artigos e teses acadêmicas de educadores que discorrem sobre as questões de indisciplina e conflitos interpessoais no ambiente escolar.

Neste primeiro semestre, tive como supervisor um professor de Artes, com formação em Música. As idas à escola eram semanais, toda segunda-feira das 7h às 12h, acompanhando as turmas do 1º ano B, 3º ano A e 4º ano A do Ensino Fundamental I.

Por conseguinte, o objeto de pesquisa foi uma escola da rede pública municipal da cidade de Campinas - SP, que oferece aulas de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Pode-se afirmar que a indisciplina é uma grande recorrência no ambiente escolar, e grande parte dos professores associam esse fator a questões externas à escola, como também ao ambiente familiar no qual o aluno está inserido (TOGNETTA; VINHA, 2007; VINHA, 2003).

Consequentemente, também irão aparecer neste ambiente, os conflitos interpessoais. Segundo Vinha (2003), esses conflitos são aqueles que acontecem entre os indivíduos, como por exemplo, agressão física, conflitos verbais, rejeição, conflitos de aceitação e conflitos devido ao direito à propriedade.

Relacionando essas questões colocadas pela autora com as vivências dentro da escola, observei que os maiores conflitos eram os verbais, principalmente de aluno com aluno, e algumas vezes com os professores também.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relato agora algumas intervenções que realizei com os alunos da escola, para depois fazer uma reflexão e discussão sobre as experiências vividas no ambiente escolar, destacando também os resultados obtidos.

Podemos citar uma atividade musical realizada na turma do 3º ano A, com crianças de 7 e 8 anos de idade. O planejamento da atividade foi feito por mim e por mais um bolsista



com quem atuei em dupla. Iniciamos com um aquecimento corporal, alongando o corpo e depois um aquecimento vocal, trabalhando exercícios de respiração e vocalises. Em seguida, ensinamos trechos das canções “Peixinhos do Mar” de Milton Nascimento e “Pescaria (Canoeiro)” de Dorival Caymmi.

Após os alunos aprenderem as canções, introduzimos uma percussão corporal, no ritmo do baião⁴, percutindo a mão no peito e batendo palmas. E, por fim, o objetivo final foi unir a percussão corporal com o canto. Para isso, dividimos a sala em dois grupos: enquanto um cantava o outro fazia o ritmo, depois invertemos os grupos.

Como resultado dessa proposta, percebemos que os alunos reagiram muito bem à atividade, participando e se engajando no aquecimento, nas canções e no ritmo do baião. Eles sentiram dificuldade em executar esse ritmo, mas a intenção foi repetir mais vezes em outras aulas as canções e o ritmo para que os alunos pudessem praticar cada vez mais.

Também ocorreu outra proposta de atividade que foi com a turma do 1º ano B. Foi feita uma atividade sobre autorretrato, relacionado à área das Artes Visuais e desenvolvimento socioemocional.

Iniciamos a atividade fazendo uma contextualização sobre o que seria um autorretrato, mostrando exemplos de artistas que fizeram esse tipo de arte, como Frida Kahlo e Van Gogh, dando também sugestões de como fazer um autorretrato. Em seguida, distribuímos folhas de papel A4 e as crianças iniciaram a atividade. Os materiais necessários foram folhas de papel A4, lápis grafite, borracha, lápis de cor e giz de cera. Sendo que ficou a critério dos alunos a escolha do tipo de material para pintar (lápis ou giz de cera).

Os objetivos de aprendizagem artística foram explorar formas, cores e traços para representar a si mesmo e desenvolver coordenação motora fina e percepção visual. Já os objetivos de aprendizagem socioemocionais foram estimular a autoestima, a valorização das características individuais e a escuta empática e respeitosa entre colegas.

Após a aula, pudemos perceber que os alunos foram bem participativos durante o momento expositivo e de fato se apropriaram do conceito de autorretrato e das percepções propostas, sendo elas: a de que autorretrato não precisa ser fidedigno à aparência da pessoa e a de que é possível colocar elementos para além da realidade no desenho.

⁴ Baião é um gênero de música e dança com origem na região Nordeste do Brasil.



Como exemplos dessa compreensão, pode-se destacar um aluno que se desenhou musculoso, pois queria ser forte, e o aluno que desenhou seu rosto metade azul, representando momentos em que estava feliz, e metade vermelho, mostrando os momentos em que estava bravo.

Por fim, no momento final das trocas, apesar de poder-se notar uma certa dificuldade na retenção da atenção dos alunos, constatou-se que houve muitas trocas sobre o processo criativo, sobre as escolhas dos elementos que os alunos optaram por retratar e seus significados. Assim, de modo geral, notou-se que os alunos se engajaram bastante na proposta e no compartilhamento de suas vivências, abrindo-se para a possibilidade de ir além da simples cópia da realidade.

Figura 1 - Autorretrato feito pelos alunos em sala de aula



Fonte: Fotografia tirada pela graduanda em Música Celina durante uma aula de Arte em 2025.
Acervo pessoal.



Um ponto muito enriquecedor deste projeto está sendo o repertório de atividades de Música e Artes Visuais que estou tendo com meu supervisor. As propostas do professor que acompanho estão sendo muito interessantes, com um vasto repertório de canções brasileiras, vocalises, instrumentos musicais, como a flauta doce, desenhos, pinturas, atividades corporais e rítmicas. Além do repertório que estou adquirindo, também tenho a oportunidade de observar como essas propostas são passadas aos alunos, trazendo, assim, uma grande vivência na parte didática.

Como resultado das experiências durante o semestre, pude observar e refletir sobre o quanto complexo é o ambiente escolar. Ademais, outra questão que me fez repensar sobre o ato de ensinar, é que isso não gira em torno somente do ato de dar aula/passar o conteúdo. Muita coisa está envolvida nisso: estamos falando primeiramente de um professor, que antes de tudo é um ser humano; e de alunos que são crianças que também passam por uma série de problemas fora do ambiente escolar.

Há vários fatores com os quais o professor tem que lidar, como suas questões emocionais, maneiras pela qual deve falar e agir com os alunos, os pais e a gestão. A todo

momento o professor tem que ter muito “jogo de cintura” para lidar com todas essas situações.

Um ponto a destacar é em relação às condições de trabalho dos professores. Destaco aqui o calor dentro das salas de aulas, que mesmo com as janelas e ventilador, não era amenizado. E o barulho nos corredores e refeitório, que recai de forma bastante intensa nas salas, por conta de como a escola foi planejada. O refeitório fica no meio da escola, em frente a várias salas de aulas, o que gera um barulho alto e os professores acabam tendo que fechar as janelas para conseguirem falar dentro da sala.

Todas essas questões, relacionadas à infraestrutura, afetam tanto a saúde física e mental dos profissionais do ambiente escolar, quanto o aprendizado dos alunos, pois trabalhar anos em um ambiente assim pode gerar danos a esses profissionais.

Pesquisas recentes têm mostrado o agravamento da saúde mental dos professores. Um levantamento da Unifesp (2023) identificou que a síndrome de Burnout já atinge cerca de 32,75% dos professores da educação básica.

Percebe-se que ocorre um desequilíbrio em relação às demandas exigidas aos docentes, os quais muitas vezes precisam trabalhar em mais de um local para ter uma renda estável. Infelizmente, a docência é uma profissão com alta carga de estresse e baixa



remuneração, o que contribui para o surgimento de doenças mentais, como o burnout (GONÇALVES, 2023).

Assim, pode-se mostrar que as principais causas de estresse entre os professores são diversas e interligadas. Citamos a sobrecarga, precarização das condições de trabalho (baixos salários e contratos temporários), falta de apoio institucional, conflitos interpessoais, fatores sociais, entre outros (AGUIAR et al., 2024).

Somada a essa questão, com as vivências escolares que o PIBID me proporcionou, percebi que uma das maiores questões dentro de sala de aula são a indisciplina dos alunos e as diversas demandas que o professor(a) precisa gerenciar em sala.

Além do ambiente quente, com ruídos e gritos, o profissional precisa lidar com a indisciplina dos alunos, gerenciar seus conflitos, lidar com a diversidade e a inclusão e auxiliar alunos em questões socioemocionais.

Os autores Aquino (1996) e Lepre (2009) destacam em seus estudos que os problemas de indisciplina ocorrem de forma recorrente nas escolas, sendo um dos maiores desafios pedagógicos atualmente. Os profissionais ficam em vários momentos da aula tentando resolver conflitos: aluno/aluno e professor/aluno. E isso acontece basicamente em todas as turmas as quais frequentei, o que gera um desgaste mental e físico para o professor e os demais profissionais envolvidos.

Pude presenciar essa sobrecarga durante as idas para a escola, e percebo o quanto importante é ter mais profissionais para auxiliar o professor, para que este possa se dedicar mais a questões do ensino em si, obtendo melhor fluência e maior aproveitamento do tempo nas aulas.

Minha dupla de estágio e eu também ficamos na função de auxiliar o nosso supervisor durante as aulas. Como resultado, percebemos que coisas simples como levar e carregar os instrumentos, aguardar a próxima professora chegar na sala, sair da sala com alguns alunos que precisavam se acalmar, auxiliar nos conflitos e brigas entre os alunos da escola, foi muito necessário para que a aula fluísse melhor e para que o docente pudesse ficar menos



sobrecarregado, gerando menos estresse, o qual ao longo do tempo pode adoecer esses profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, ter tido a oportunidade de acompanhar um professor de Arte, estar dentro de uma escola pública, estar perto dos alunos, conhecer a didática do meu supervisor, ter ideias de atividades e planejamentos, além de poder propor aulas com um profissional me supervisionando, foi muito importante para minha futura prática profissional e uma oportunidade bastante enriquecedora.

Ademais, o espaço que temos nas reuniões gerais, com os coordenadores e com os demais participantes do projeto foram essenciais para as trocas de experiências, discussão sobre o ambiente escolar e sobre as práticas pedagógicas e as reflexões que permeavam em nossas vivências.

Assim, depois de todas as reflexões e informações sobre a saúde mental dos docentes e suas condições de trabalho, penso que é de extrema importância que haja políticas públicas

que garantam boas condições de trabalho a esses profissionais, para que haja uma melhora na saúde mental e na qualidade do ensino.

Portanto, ressalto que o PIBID é um programa bastante importante para os alunos de licenciatura, os quais podem se inserir no contexto escolar público, explorando suas potencialidades pedagógicas e criativas, observando as relações interpessoais nas escolas e refletindo sobre questões acerca da educação pública brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço os coordenadores do PIBID e meu supervisor, os quais sempre me apoiaram nas práticas pedagógicas e me incentivaram nessa jornada na área artística-educacional.

Minha gratidão aos demais bolsistas do projeto, em que pude ter trocas importantes para minha formação, como também, aos alunos da escola em que atuei, os quais me deram a oportunidade de aprender muito com eles.



Por fim, agradeço à CAPES, a qual é responsável pelo financiamento do programa, oferecendo bolsas para os estudantes de cursos de licenciatura.
X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. Indisciplina na escola: alternativas práticas e teóricas. São Paulo: Summus, 1996.

AGUIAR, Gracielle Almeida de et al. Saúde mental dos professores em contextos de precarização: perspectivas sobre a educação contemporânea. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. e1320, 2024. DOI: 10.23900/2359-1552v13n2-317-2024. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1320>. Acesso em: 17 out. 2025.

GONÇALVES, Raphaela dos Santos. **A síndrome de burnout em professores:** sua relação com a satisfação no trabalho, fatores sociodemográficos e organizacionais. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, Santos, 2023.

LEPRE, R.M. Reflexões sobre a indisciplina na escola. **Psicopedagogia OnLine**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1167>>. Acesso em: 20 set. 2025.

UNIFESP. **Síndrome de Burnout atinge professores(as) da educação básica.** DCI – Departamento de Comunicação e Informação da Unifesp, [s.d.]. Disponível em: <https://dci.unifesp.br/assessoria-de-imprensa-e-jornalismo/releases/sindrome-de-burnout-atinge-professores-as-da-educacao-basica?>. Acesso em: 05 out. 2025.

VASCONCELOS, M. S.; BELLOTTO, M. E. Indisciplina no contexto escolar: um estudo das significações abstraídas por estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 5, n. 1, p. 64–80, 2011. DOI: 10.21723/riaee.v5i1.3493. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/3493>. Acesso em: 10 out. 2025.





VINHA, Telma Pileggi. **Os conflitos interpessoais na relação educativa.** 2003. 426 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1593917. Acesso em: 05 set. 2025.

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. Construindo a autonomia moral na escola: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525–540, set./dez. 2009.